

vida & arte



LIVROS DO VESTIBULAR

AVES DE ARRIBAÇÃO, DE ANTÔNIO SALES

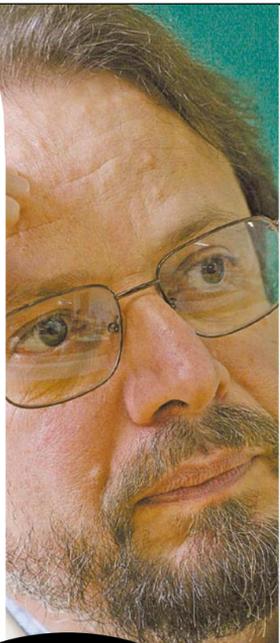
SÉRIE >6

JORGE PIEIRO

EU ESTÁ EM CRISE. ESCREVER SOBRE O QUE?

CRÔNICA >4

FALE COM A GENTE >> Editor-Executivo: Emerson Maranhão, emerson@opovo.com.br > **Editora-Assistente:** Regina Ribeiro, reginaribeiro@opovo.com.br > **Editores-Adjuntos:** Luciano Almeida Filho, Paula Lima, Rodrigo Rocha; vidaarte@opovo.com.br; guia@opovo.com.br; buchicho@opovo.com.br; people@opovo.com.br > **Fone:** 3255.6137, 3255.6115, 3255.6151



Cristovão Tezza levou o prêmio Jabuti de melhor romance por *O Filho Eterno*

FOTOS: ANDRÉA PACCINI/DIVULGAÇÃO / CARA AMAURÍCIO CORTEZ

O

INVENTOR DE SI MESMO

VENCEDOR DE ALGUNS DOS PRINCIPAIS PRÊMIOS LITERÁRIOS DO PAÍS, O CATARINENSE CRISTOVÃO TEZZA FALA POR TELEFONE SOBRE A ESCRITA DO ROMANCE *O FILHO ETERNO*, OBRA QUE TRATA DA RELAÇÃO ENTRE UM PAI ESCRITOR E UM FILHO COM SÍNDROME DE DOWN

PEDRO ROCHA >>> DA REDAÇÃO

“Assim, em um átimo de segundo, em meio à maior vertigem de sua existência, a rigor a única que ele não teve tempo (e durante a vida inteira não terá) de domesticar numa representação literária, aprendeu a intensidade da expressão ‘para sempre’ - a idéia de que algumas coisas são de fato irremediáveis, e o sentimento absoluto, mas óbvio, de que o tempo não tem retorno, algo que ele sempre se recusava a aceitar”.

O trecho acima refere-se ao momento em que o protagonis-

ta do romance *O Filho Eterno*, de Cristovão Tezza, recebeu a notícia de que seu filho havia nascido com Síndrome de Down, uma doença da qual já havia lido sobre ao revisar uma dissertação de mestrado, mas que só conheceria de fato com a experiência de amadurecer ao passo do próprio filho.

Depois de relutar por muito tempo em escrever sobre o assunto, o escritor catarinense resolveu, por meio de seu gênero favorito, recriar literariamente seus anos de vida a partir do nascimento de seu primeiro filho, Felipe, no começo da década de 1980. Quase dois anos

de escrita para emoldurar em 222 páginas uma releitura (reescrita) íntima de sua existência, num romance que conjuga a complexidade psicológica e o contexto histórico em um emaranhado de palavras no qual essas diversas dimensões tornam-se indistintas.

Ao contrário do medo do autor de que o livro fosse lido como um guia de aconselhamento para pais, *O Filho Eterno* teve uma recepção entusiasmada entre a crítica especializada. Tornaram-se corriqueiras as críticas elogiosas ao livro. Vieram os prêmios. Primeiro, o de melhor ficção da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA), ainda em 2007, e, recentemente, o prêmio Jabuti de melhor romance, concedido pela Câmara Brasileira do Livro. Não bastasse abocanhar dois dos mais importantes concursos, o livro ainda é franco favorito para vencer outros dois: o Portugal Telecom de Literatura Brasileira e o Prêmio São Paulo de Literatura.

O escritor - também professor universitário em Curitiba (PR), cidade que adotou como sua - se projetou com o romance *Trapo*, de 1982, seu quinto livro, reeditado pela Record junto com outros dois, *Aventuras Provisórias* e *O Fantasma da Infância*.

Entre palestras e outros convites para falar sobre o livro, ele aguarda as coisas desaccelerarem um pouco para retomar as 30 páginas de um livro que começou, mas não conseguiu continuar. Uma necessidade protelada para o próximo ano. “A vida não teria sentido pra

Eu acho que a literatura é isso mesmo, quebrar ao máximo o chavão. Eu acho que eu consegui

mim se eu não escrevesse”. Uma frase um tanto brega, mas indiscutivelmente sincera após a leitura de *O Filho Eterno*.

O POVO - Como foi o processo de escrita do livro?

Cristovão Tezza - Foram dois momentos, num primeiro, eu tava tentando descobrir a linguagem pra tratar do tema. A minha idéia era escrever um ensaio sobre o tema, eu até pensei em um relato confessional, e finalmente eu acertei no romance. Esse é um aspecto. O segundo foi eu ter notado, logo que comecei o livro, essa relação com o tempo, o fato de eu cruzar várias perspectivas, porque aquela questão central precisa de uma perspectiva da história do país. Então, o livro foi fazendo essa amalgama temporal entre experiências anteriores e momentos presentes. Ele foi mais difícil de começar, eu relutei muito a tratar do tema, eu tava fugindo dele há muitos anos, mas também estava escrevendo outras coisas. No momento que eu comecei o livro, acertei a mão no romance, ai foi um livro tão difícil quanto os outros.

OP - Ainda no começo do livro, o narrador menciona que a notícia da Síndrome de Down do filho foi

“a maior vertigem” da existência do protagonista, “a única que ele não teve tempo (e durante a vida inteira não terá) de domesticar numa representação literária”. Depois do livro, você pôde domesticar essa experiência?

Cristovão - Domesticar, não, mas eu consegui, digamos, colocar numa moldura estética, numa moldura da ficção. Eu consegui dar algum sentido, de certa forma dar alguma medida, porque o evento aberto da vida é caótico, você não tem sentido e a ficção tem esse poder de você reinterpretar um fato.

OP - Essa consciência da atribuição de sentido à experiência através da recriação literária atravessa todo o livro, cruzando-se nas palavras do narrador e do protagonista. Como foi organizar todos esses eventos literariamente, já que essa consciência é fundamentalmente sua própria situação de protagonista e narrador deslocados no tempo?

Cristovão - Primeiro, usei do estado emocional que eu vivi. O segundo, uma estrutura composicional do livro, como é que eu coloquei isso aí, pra onde que ele ia, qual era a direção. O terceiro foi o processo de escrita, quando pesa muito uma intuição organizadora. Agora, uma intuição já da experiência. Já tenho mais de 50 anos de vida e muitos romances. Não é um livro de amador. Mas também as coisas foram acontecendo, o controle que a gente tem é sempre relativo, eu não consigo fazer um livro como quem já prevê o final.

OP - O final lhe surpreendeu? Era o que esperava?

Cristovão - Ele me assustou um pouco. Quando reli o livro, uns dois meses depois de pronto, ele me surpreendeu um pouco. Tá muito forte, mas ao mesmo tempo eu disse que não. Eu acho que a literatura é isso mesmo, quebrar ao máximo o chavão. Eu acho que eu consegui.

OP - O protagonista é um “filhote retardatário dos anos 70”, como escreve o narrador. O contexto dessa geração permeia o livro como um dos pontos históricos de referência, no qual o olhar parece se alicerçar. Mas, muitas vezes, o narrador desfia uma crítica ácida a essa própria geração. Qual sua avaliação hoje dessa época?

Cristovão - Eu me escorei mais uma vez na moldura da ficção. Aquele pai precisava de uma história e eu fui atrás do meu arquivo pessoal. Foi uma retrospectiva de um tempo, uma reavaliação de uma geração. Uma geração não cínica, talvez

Esse humanismo reflete um certo otimismo existencialista que é uma marca pessoal minha

tenha sido sua única qualidade. Uma geração que acreditava nos sonhos mais absurdos, e eram absurdos. Uma geração que viveu esse processo de transformação da entrada nessa nova modernidade. O livro acompanha essa viagem.

OP - Sua visão de mundo mudou muito de lá pra cá?

Cristovão - Eu sou integralmente alguém daquela geração, que formou meu olhar, meu jeito de ser, minha sensibilidade e meu tipo de humor. Isso deixou marcas até hoje, embora, depois eu me tornei professor universitário, isso foi num sentido mais convencional. Eu também nunca quis ser um fantasma de mim mesmo, eu acho que o tempo vai passando, tem que se transformar mesmo, mas acho que essa sensibilidade tá presente em tudo o que eu escrevi. É um certo sentimento de não estar no mundo.

OP - O final do livro possui um certo humanismo. Isso também tem a ver com a experiência da geração da qual você faz parte?

Cristovão - O final do livro foi se encaminhando de uma maneira muito intuitiva, eu não tinha bem noção. Eu me perguntava: “será que é isso que eu quero dizer mesmo”. Esse humanismo do livro reflete um certo otimismo existencialista que é uma marca pessoal minha. Eu sou um sujeito naturalmente otimista. O livro, de certa forma, pegou esse lado meu, essa abertura que fica ali para uma coisa boa. Quanto a geração, foi uma época otimista, que propunha uma transformação muito forte na vida, na política. Uma geração irreverente. Isso era uma marca do tempo. Ria-se muito. Mas tem uma coisa pessoal também no meio.

[+] SERVIÇO

O Filho Eterno - Romance do escritor catarinense Cristovão Tezza. Editora Record. Pags: 224. Preço: R\$ 34.

desafinado

Av. Dom Luís, 655 - Lojas 2 e 3 - Fone: 3224.3853
Shopping Del Paseo - Fone: (85) 3456.3034
www.desafinado.com.br

NOVA LOJA
COSTA BARROS, 901